

A maior tiragem de todos os semanários portugueses

Ano III—Número 142

Preço avulso 1 Escudo

12 Páginas

O DOMINGO

ilustrado

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELE. 631-N. LISBOA

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEXTOS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



As grandes provas de natação

Na 2.ª travessia do Tejo a nado classificaram-se em 1.º e 2.º lugares, Afonso Cortez e D. Estela de Carvalho, ambos do Sporting Club de Portugal.

CRONICA

POR
CARLOS ABREU

AGUIAS DA GUERRA

A censura Inglesa do Film encoriscou a exhibição de uma película produzida na California, em Hollywood, e que tem por titulo "Aguias da Guerra", ou a "epopeia das orcas aereas da Inglaterra na grande guerra". O mais curioso é, que foram as proprias orcas aereas, as primeiras a revoltar-se contra o hino cinematografico americano.

Mal com os exhibidores Ingleses pela sua febre de absorção, pelo sistema paciente de infiltração, o Yankee tratou de deurar a pilula e de lhes oferecer um lambuseira enganadora. Mas o réclamo espalhafatoso da tal "epopeia" poz os exhibidores de atalaia. Uma centena de cinemas recusou-se a projectar o decontado film.

"War Hawks" passa a ser uma indesejavel aliciação dos magnatas americanos aos mercados Ingleses.

O ponto de vista Ingles é interessante: "Aguias da Guerra", (na possivel traducção) é a mais lisongeira caricia á sentimentalidade britanica, mas não para Ingleses ver... Para estrangeiros o ver.

O Ingles sente, através do rotephon barulhento dos americanos, a mentira mais abrecida atirada ao seu amor proprio.

Ele sabe que os quadros da epopeia foram confeccionados teatralmente nos studios de Hollywood.

Serão mais belcs que os verdadeiros, mas... não são verdadeiros. Eis a questão.

Que grande exemplo de civismo e de orgulho dá o amigo *bes* aces p.ves que se enganam com luminarias, que se engrandecem com o augmento em ponto grande dos proprios feitos, narrados pelos amigos usos... "Fija-te de bromas!" dizem os espanhols. Estes tambem pensam esplendidamente.

Não as aceitam. Reservam-nas para os outros.

CARLOS ABREU

Este numero foi visado pela comissão de censura

CONHECIMENTO



—Conheci o Algarve?
—Conheço, foi lá que me casei.
—E gostas?
—Não tenho de lá nenhuma recordação agradável...—

NOVIDADES E NOTICIAS D'AQUI E D'AQUILA

O cinema na Papuasia

EM Samarsi, pequena ilha do Pacifico, renem-se, uma vez todos os meses, os indigenas dessa ilha e de outras vizinhas, para assistirem a uma sessão cinematografica. O entusiasmo, perante as fitas de Charlot, é delirante. Sentados por terra, as "papus" dos dois sexos choram e riem, com mais transbordante sensibilidade do que os civilizados. A revista das elegancias parisienses deixa as milhaves dreslumbredas, perguntando a si proprias o motivo por que ellas, "papus", só se vestem quando vão a festas, ao passo que as europeas só se vestem para ar dar por casa...

Homenagem a um "bom garço"

A França entendeu, e muito bem—que era tempo de fazer justiça a certos beneficores da humanidade que não cultivaram nem as letras, nem as artes, nem as sciencias, mas foram sustentados filantropos, porque amenisaram, dulcificaram, tornaram mais saborosa a vida dos homens... Ha tempos, inaugurou-se um monumento dedicado á memoria da inventora e primeira fabricante do queijo Gruyere.

Agora, chegou a vez de glorificar Brillat-Savarin, que passou a ter uma estatua em Bellevue, sua cidade natal, no Ain. Sobre uma "stela" sóbria, o busto do homem pouco sóbrio, assente em folhas de videira e cachos de uva. Duas datas: 1755-1826—, um grupo de anjinhos bem tratados, numa animada dança de roda, e esta inscrição feliz: "Convidar alguém é encarregar-nos da sua felicidade... não que passa sobre o nosso tecto".

No dia da inauguração do monumento, realiscou-se, em Bellevue, um destes banquetes que nunca mais esquecem a quem os levou de fio a pavio. O Ministro das Obras Públicas discursou. Os governos começam a crer na gratidão dos comilões e já admitem que todo o seu mal é meterem-se, com esfomeados e não com pessoas já repletas... Entre nós o partido de mais futuro é o dos Rotários, que por se sentarem frequentes vezes á mesa do Avenida Palace não tem maior pressa de se sentarem á mesa do Orçamento.

Outro, da mesma senhora

OUTRA "saida" da mesma senhora, esposa de Calino, a quem nos referimos no último numero. Foi á noite, no hotel das termas onde está veraneando. Num grupo de senhoras e cavalheiros, faziam-se jogos de sala e trocavam-se ditos de espirito. Em certa altura, madame Calino lança este "directo" e com um sorrisinho de anal-fabeta irremediavel: "Vamos a ver quem adivinha! Que parecnça há entre Adão e um vegetal? Silêncio fundo... Instante de meditação... Murmuro de renúncia... E madame Calino, triunfante: "E' que Adão foi o primeiro homem a uve..."

Norberto Lopes

Encontra-se de luto, pelo falecimento de sua extremosa irmã, a Sr.ª D. Aurora de Moraes Carvalho Lopes, o nosso querido camarada Norberto Lopes.

O "Domingo Ilustrado" apresenta-lhe por esse facto sentidas condolencias acompanhando-o na sua dor, bem como a sua familia.

Jogo e jogatina

URGE, realmente, fiscalizar e regulamentar o jogo, que tanto pode revestir aspectos elegantes com rórdides. E' preciso não confundir o jogo dos grandes casinos, onde o panno verde é como um mar azul onde se afundam tristezas e quasi não se procuram emoções, com a jogatina entre quatro paredes de tecto baixo, encarcerando carraotes pãlidos e esfomeados, que arriscam os últimos vintens.

A fiscalização deve começar por essas praias da linha de Cascais, onde ha algumas roletas esfomeadas em casinos armados á pressa. Que o jogo seja prazer de ricos, beneficio dos pobres, mas não recurso dos quasi pobres, n. m expediente dos quasi vigitistas...

Tivolistas e Odéonistas

JÁ se formaram partidos entre os entusiastas J pelo Tivoli e os que acham melhor o Odéon. Estes últimos são os "genios da contradição", os que preferem sempre o contrario... De facto, o Tivoli continua sendo a nossa primeira sala de cinema e a prova bem provada de que não é facil igualar o bom gosto dum Raul Lino... No entanto, devem-se felicitações ao grupo de capitalistas que dotou Lisboa com mais um salão cinematografico em tudo digno duma grande capital. Se a "matinée" por convites foi um pouco "magra" e se os intervalos são um pouco "gordos", isso não é razão para o público não reconhecer o serviço que lhe foi prestado e não acorrer, todas as noites, ao cinema novo, onde se exhibe uma excelente película e se ouve uma orquestra optima e superiormente dirigida pelo ximio artista que é René Bohet.

Um drama no Manicómio

A propósito duma tragédia ocorrida no Manicómio Bombarda, veio á balla—como simples pormenor necessário para bem se comprehenderem as condições do crime que victimou uma alienada—a confrangedora informação de ser costume, todas as noites, espalharem-se enxergas pelos corredores, para as doidas que não tem já lugar nos quartos e enfermarias. E' simplesmente arrepiante. E custa a crer como, arranjando-se dinheiro para tantas obras de menos desoladora urgencia, não se encontra a solução deste problema de miséria, vergonha dum país. Nas proximidades do Campo Grande estão os enormes pavilhões do novo manicómio, quasi terminados. Porque se não dá o ultimo arranco a esses edificios onde já se sepultou tanto dinheiro e onde ainda não se abrigou nenhum doido? Não ha direito a exibirmo-nos perante o Mundo, em certames, exposições e congressos, enquanto tivermos a consciencia nacional sobre carregada com este peso tremendo: no hospital dos doidos, os doentes dormem no chão...

—Estou farto da vida, quero suicidar-me. Venho pedir emprestado o teu revolver!...
—Está ás tuas ordens. Mas não te esqueças de m'o trazer depois.

questão previa

Por FELICIANO SANTOS

FIM do mês, dia dos mártires e inocentes. Não o diz o calendario, mas nem por isso cada dia 30 ou 31 deixa de assinalar-se com o martirio dos inocentes, que nessa altura recebem os ordenados, com que ingenuamente creem fazer face ás despesas do mês.

A' noite, sobre a mesa do jantar, funciona em cada lar a repartição da contabilidade. Em pequenos maços fofos dispõem-se as notas do Banco, que representam a remuneração de trinta dias de trabalho. Um tinteiro, uma pena e um pedaço de papel presidem á cerimonia. Engordurado, roído nos cantos, o rol da mercadoria apresenta-se com a má catadura aos credores implacaveis. Outros papéis, com algarismos rabiscados a lapis, parecem reunidos num conciliabulo, em que se estejam tomando deliberações secretas e cruéis. Não reconhecer nesses papelinhos algumas enfarruscadas contas do carvoeiro, a factura dos concertos e um apontamento do debito ao pai-de-ro.

O chefe da familia, com o seu melhor cursivo, vai alinhando na folha de papel as verbas de despesa, esmerando-se nos algarismos para evitar erros de contagem. Ao alto do papel figura já, irradiando o brilho das grandes fortunas, a importancia do ordenado: 800\$00. Feito o traço depois da ultima verba da despesa, começa a comovente operação da soma: dois e dois, quatro e n.ve, treze... Total mil cento e vinte e tres escudos e cinco centavos. Um deficit de mais de trescentos escudos.

A esposa, que assiste á operação com um admiravel sangue frio, alvitra ao marido:

—Tira a prova dos nove! Talvez te enganasses na soma...

Ele tira alguma coisa, mas não a prova. Tira metade á verba da mercadoria, um terço á do sapateiro, adia o pagamento, ao carvoeiro, de meio cento de bolas para o mês seguinte. Mas, apesar dos cortes, o deficit ainda mexe. Tava-se discussão. A dona da casa afirma que os credores suspenderão os seus fornecimentos se não forem pagos integralmente. O chefe do governo da casa mantem a sua resolução de um acordo com os credores, unico meio de equilibrar as contas de gerencia do mês. Atendendo aos altos interesses da familia, a esposa cede e compromete-se a ir pedir espera ao homem da tenda, mas envia logo para a mesa a proposta seguinte:

—Considerando que perdido por dez, perdido por vinte;

Considerando que não tenho um vestido de inverno decente;

Proponho que se faça na despesa um novo corte... de lá para meu uso exclusivo.

A proposta é admittida com urgencia e dispensa do regimento e aprovada sem discussão, porque a noite vai adiçada.

E isto é assim em todos os meses, em quasi todas as casas, só variando o objecto da proposta, que pode tambem ser um chapéu, um par de sapatos ou um saquinho de mão.

UM DESESPERADO



—Estou farto da vida, quero suicidar-me. Venho pedir emprestado o teu revolver!...
—Está ás tuas ordens. Mas não te esqueças de m'o trazer depois.

DOMINGO
Destinado

HUMORISMO

UM CASO DE ARTRITISMO

ESTE triste caso do Zé Quintinha passou-se no tempo em que no exercito ainda se distribuíam botas aos galuchos, para uso da recruta.

O Zé Quintinha veiu sentar praça em infantaria 45, que ao tempo estava aquartelada em Lisboa. No casão do regimento, tiraram ao Zé Quintinha a casaca de briche paisano, composta de jaqueta, calças, cinta e chapéu e envergaram-lhe umas calças e uma jaleca de brim, o todo coroado por um barrete redondó, que lhe dava um aspecto dum agado em ferias. Deram-lhe tambem uns botas para pessoa crescida e o Zé Quintinha, que era miúdo do corpo e de apelido, foi levado á parada e ingressou na escola de recrutas, com a impressão de que ainda havia lugar para um outro camarada dentro do armamento que lhe tinham dado.

Começou a escola por aquele exercicio que consiste em separar e juntar os pés, conservando os calcanhares unidos. O cabo explicou o movimento e comandou em seguida:

—Um! Dois!
Todos os recrutas executaram, menos o Quintinha. O cabo increpou-o, chamou-lhe bruto, explicou de novo:

—Um! Dois!
E o Quintinha nada. Veiu o sargento, deu as vozes. E os pés do Quintinha nem buliram.

—O' estúpido, tu não percebes uma coisa tão simples?



Por XISTO JUNIOR
DUAS HISTORIAS

—Cale-se.
Juntaram-se o tenente, o capitão, o major. Todos fizeram o movimento



diante do Quintinha, todos comandaram:

—Um! Dois!
E os pés do Quintinha como uma rocha e a todos ele dizia:

—E' que, meu major..
—Cale-se.

O comandante do regimento, chamado á pressa e verificando o fenómeno, lembrou que se chamasse o medico, porque talvez o homem fosse artritico. O medico disse que não, que o que ele era principalmente era estúpido.

Então, o comandante, quiz ele proprio experimentar o recruta, com bons modos:

—Porque é que tu não fazes um movimento tão simples, rapaz?

—E' que, meu coronel—conseguiu finalmente explicar o Zé Quintinha—eu faço o movimento com os pés, mas é dentro das botas.

UM DRAMA DE
GRAND GUIGNOL

Quem sóbe as escadinhas do Duque, ao chegar ao largo d' S. Roque, naturalmente descansa e, depois de ter dado as mãos á palmatoria, que se ergue naquele largo, se tomar um carro dos que descem, vai ter fatalmente ao Rossio, a não ser que se lhe atravesse um taxi no meio do caminho. Ai, se toma ás colheres um outro eléctrico, pode bem ser que chegue um dia á Graça. Foi nas imediações do Senhor dos Passos que se passou a triste occorrença que vou narrar.

Num predio de aspecto de poucos amigos reside ha sete anos uma familia, composta, com cabeça e com rabo, visto que na casa vivem mulher, marido, filho, e um gato, bem conhecidos no sitio pelo feitio absorvente, isto é,



por absorverem grandes quantidades de bebida. Ontem, de manhã, o pai e filho, depois de verificarem que a garrafa da aguardente estava esgotada, travaram se de razões sobre qual dos dois haveria de matar o bicho com a única cedula de tostão que havia em casa. A certa altura, o filho, como mais vigoroso, pegou num banco, duma solidéz capaz de resistir a todas as corridas, e esfacelou o cráneo do seu progenitor que, sendo um alcoolico muito conceituado, tinha mais dum barril de aguardente nos miolos, que durante a vida lhe tinha subido á cabeça.

Munindo-se dum copinho, o assassino matou, então, o bicho com alcool paterno e recolheu, suficientemente embriagado, aos calabouços do governo civil. Ao que se diz, a mãe tambem provou da aguardente conjugal e quando ali estivemos o proprio gato cambaleava, por ter comido parte do bofe da vitima.

O assassino, conforme certidão que nos foi mostrada, conta seis mezes de idade e de ha muito que se entregava á embriaguês.

XISTO JUNIOR

NO FOTOGRAFO



—Quer então uma ampliação?
—Sim, e mais baratinha, porque olhe que eu forneço-lhe o cartão.

Má Língua

E' MISTER A ESTRADA DE CINTRA

Deus, embora ordenando ha 10 000 annos, por causa de um frugivoro peccado, que o misero destino dos humanos passasse no seu todo um mau bocicado,

deixou, no Seu divino bem querer, por achar que tambem era preciso, um ponto ou outro onde se pôde ver que era grande pechincha o Paraizo.

Hoje a Asia Menor é um logradouro de vastas ambições em monopólio; se lá vivesse, Adão não tinha oiro que chegasse sequer para o petroleo;

e quem, no Seu saber alto e prudente, não fez o Paraizo para orates, não ia impor agora a toda a gente as tropalhadas de um orate Euphrates...

Portanto, se o reerguesse desta feita quereria que a sua instalação fosse não mais bonita e mais perfeita que na primeira e ultima sessão.

Seria um Paraizo, com certeza mais modesto que o outro, mais pelintra, mas mais cheio de encanto e de belleza. Deus—escolhia quem duvida?—CINTRA.

Escrevendo-a com C.? O creador—esta razão, supremo, subjugou-me—decerto a escreve, por lhe ter amor, com a primeira letra do Seu nome;

embora muitos livres pensadores queiram obterem algumas vezes: —Byron foi o maior dos seus cantores, e S. é mais propicio para inglezes.

Seja com C., com S., é lá preciso que uma estancia tão linda e tão fallada comece, ao ser guindada a Paraizo, logo por uma letra protestada?

Cintra é o dorso de um condor captivo onde a alma, nostalgica, serena presente o vôo luminoso e altivo de uma axa enorme que não perde a Pena.

De entusiasmado coraçõ, nem pensa na sciencia de esperar; pois quando espera succumbe logo á sua sede intensa e... apanha verde o fructo da chymera.

Depois, ainda illudido e não cansado ainda submisso a essa belleza extranha, como que aturdido e de admirado, se vai a dar sete ais sobre a montanha..

Do manso ramalhar do Ramalhão ás sombras mais escusas e arredadas, narram-se mexericos do Alcorão em five-6-cliques de moiras encantadas.

E são tantas as Evas, em legiões, com pelle de serpente orlando a saia, que as Moças com que tentam os Adões formam um mar que vai morrer na Praia.

O que é pena é que a estrada que conduz ao dicto Paraizo, é um trilho inglorio onde a alma se encaminha para a laz a dançar o can-can num Purgatorio.

Venha a estrada! O que está é uma labéu que deshonra os pruridos da Neção. Queremos ir de taxi para o Céu por uma suave fita de alcátrão...



—E' que, meu sargento..
—Cale-se.
Veiu o alferes. A mesma cousa. Quintinha parecia de bronze.
—E' que, meu alferes..

A VELOCIDADE



—Está autuado por ir a 70 quilómetros á hora!
—Como pode isso ser, se eu ainda não ha 10 minutos que saí de casa?..

TAÇO

CRONICA

POR
CARLOS ABREU

NOVIDADES E NOTICIAS D'AQUI E D'AQUIA

questão prévia

Por FELICIANO SANTOS

AGUIAS DA GUERRA

A censura Inglesa do Film encoriscu a exhibição de uma pellicula produzida na California, em Hollywood, e que tem por título "Aguias da Guerra", ou a "epopeia das orcas aereas da Inglaterra na grande guerra". O mais curioso é, que foram as proprias orcas aereas, as primeiras a revoltar-se contra o hino cinematografico americano.

Mas com os exhibidores ingleses pela sua febre de absorção, pelo sistema paciente de infiltração, o yankee tratou de dectar a pilula e de lhes oferecer um lambuseira enganadora. Mas o reclamo espalhafatoso da tal "epopeia" poz os exhibidores de alalala. Uma centena de cinemas recusou-se a projectar o dectandito film.

"War Hawks" passa a ser uma indesejavel aliciação dos magnatas americanos aos mercados ingleses.

O ponto de vista Ingles é interessante: "Aguias da Guerra", (na possivel traducção) é a mais lisongeira caricia a sentimentalidade britanica, mas não para Ingles ver... Para estrangeiro vêr.

O Ingles sente, através do *releplan* barulhento dos americanos, a mentira mais aberecida atirada ao seu amor proprio.

Ele sabe que os quadros da epopeia foram confeccionados teatralmente nos studios de Hollywood.

Serão mais belcs que os verdadeiros, mas... não são verdadeiros. Eis a questão.

Que grande exemplo de civismo e de orgulho dá o amigo *beef* aos pives que se engalanam com luminarias, que se engrandecem com o augmento em ponto grande dos proprios feitos, narrados pelos amigos usos... "Fija-te de bromas!" dizem os espanhols. Estes tambem pensam esplendidamente.

Não as aceitam. Reservam-nas para os outros.

CARLOS ABREU

Este numero foi visado pela comissão de censura

CONHECIMENTO



—Conhecs o Algarve?
—Conheço, foi lá que me casei.
—E gostas?
—Não tenho de lá nenhuma recordação agradável...

O cinema na Popuásia

EM Samarsi, pequena ilha do Pacifico, reu-nem-se, uma vez todos os meses, os indigenas dessa ilha e de outras vizinhas, para assistirem a uma sessão cinematografica. O entusiasmo, perante as fitas de Charlot, é delirante. Sentados por terra, as "papus" dos dois sexos choram e riem, com mais transbordante sensibilidade do que os civilizados. A revista das elegancias parisienses deixa as mulheres deslumbradas, perguntando a si próprias o motivo por que ellas, "papus", só se vestem quando vão a festar, ao passo que as europeias só se vestem para ar dar por casa...



Homenagem a um "bom gosto"

A França entendeu, e muito bem—que era tempo de fazer justiça a certos beneflores da humanidade que não cultivaram nem as letras, nem as artes, nem as sciencias, mas foram sustentidos filantropos, porque amenis-tam, dulhificaram, tornaram mais saborosa a vida dos homens... Ha tempos, inaugurou-se um monumento dedicado á memoria da inventora e primeira fabricante do queijo Gruyere. Agora, chegou a vez de glorificar Briliat-Savarin, que passou a ter uma estatua em Bellevue, sua cidade natal, no Ain. Sobre uma "stela"



sobria, o busto do homem pouco sóbrio, assente em folhas de videira e cachos de uva. Duas datas: 1755-1826—, um grupo de anjinhos bem tratados, numa animada dança de roda, e esta inscrição feliz: "Convidar alguém é encaregar-nos da sua felicidade durante o tempo que passa sobre o nosso tecto".

No dia da inauguração do monumento, realiscu-se, em Belly, um destes banquetes que nunca mais esquecem a quem os levou de fio a pavio. O Ministro das Obras Públicas discursou. Os governos começam a crer na gratidão dos comilões e já admitem que todo o seu mal é meterem-se com esfomeados e não com pessoas já repletas... Entre nós o partido de mais futuro é o dos Rotários, que por se sentarem frequentes vezes á mesa do Avenida Palace não têm maior pressa de se sentarem á mesa do Orçamento.

Outra, da mesma senhora

OUTRA "saida" da mesma senhora, esposa de Calino, a quem nos referimos no último numero. Foi á noite, no hotel das termas onde está veraneando. Num grupo de senhoras e cavalheiros, faziam-se jogos de sala e trocavam-se ditos de espirito. Em certa altura, madame, Calino lança este "directo" e com um sorrisinho de anal-fabeta irremediavel: "Vamos a vêr quem adivinha! Que pareença há entre Adão e um vegetal? Silencio fundo... Instante de meditação... Murmuro de renúcia... E madame Calino, triunfante: "E' que Adão foi o primeiro homem c.ave..."

Norberto Lopes

Encontra-se de luto, pelo falecimentio de sua extrema-se irmã, a Sr.ª D. Aurora de Moraes Carvalho Lopes, o nosso querido camarada Norberto Lopes.

O "Domingo *ilustrado*" apresenta-lhe por esse facto sentidas condolencias acompanhando-o na sua dor, bem como a sua familia.

Jogo e jogatina

URGE, realmente, fiscalizar e regulamentar o jogo, que tanto pode revelar aspectos elegantes como sórdidos. E' preciso não confundir o jogo dos grandes casinos, onde o pa-no verde é como um mar azul onde se afundam tristezas e quasi não se procuram emoções, com a jogatina entre quatro paredes de tecto baixo, encarcerando caxarotes pálidos e esgazeados, que arriscam os últimos vintens.



A fiscalização deve começar por essas praias da linha de Cascais, onde ha algumas roletas estomoadas em casinos armados á pressa. Que o jogo seja prazer de ricos, beneficio dos pobres, mas não recurso dos quasi pobres, nem expediente dos quasi vigaristas...

Tivolistas e Odeonistas

JÁ se formaram partidos entre os entusiastas pelo Tivoli e os que acham melhor o Odeon. Estes últimos são os "génios da contradição", os que preferem sempre o contrario... De facto, o Tivoli continua sendo a nossa primeira sala de cinema e a prova bem provada de que não é facil igualar, o bom gosto dum Raul Lino... No entanto, devem-se felicitações ao grupo de capitalistas que dotou Lisboa com mais um salão cinematografico em tudo digno duma grande capital. Se a "matinée" por convites foi um pouco "magra" e se os intervalos são um pouco "gordos", isso não é razão para o público não reconhecer o serviço que lhe foi prestado e não accorrer, todas as noites, ao cinema novo, onde se exhibe uma excelente pellicula e se ouve uma orchestra optima e superiormente dirigida pelo próximo artista que é René Bohet.



Um drama no Manicómio

A propósito duma tragédia occorrida no Manicómio Bombarda, veiu á baila—como simples pormenor necessário para bem se comprehenderem as condições do crime que victimou uma alienada—a confrangedora informação de ser costume, todas as noites, espalharem-se enxergas pelos corredores, para as doidas que não têm já lugar nos quartos e enfermarias. E' simplesmente arrepiante. E custa a crer como, arranjando-se dinheiro para tantas obras de menos desoladora urgencia, não se encontra a solução deste problema de miséria, vergonha dum país. Nas proximidades do Campo Grande estão os enormes pavilhões do novo manicómio, quasi terminados. Porque se não dá o ultimo arranco a esses edificios onde já se sepultou tanto dinheiro e onde ainda não se abrigou nenhum doido? Não ha direito a exibirmo-nos perante o Mundo, em certames, exposições e congressos, enquanto tivermos a consciencia nacional sobre carregada com este peso tremendo: no hospital dos doidos, os doentes dormem no chão...



FIM do mês, dia dos martires e innocentes. Não o diz o calendario, mas nem por isso cada dia 30 ou 31 deixa de assinalar-se com o martirio dos innocentes, que nessa altura recebem os ordenados, com que ingenuamente creem fazer face ás despesas do mês.

A' noite, sobre a mesa do jantar, funciona em cada lar a repartição da contabilidade. Em pequenos maços fôlos dispõem-se as notas do Banco, que representam a remuneração de trinta dias de trabalho. Um linteiro, uma pena e um pedaço de papel presidem á cerimonia. Engorruado, roído nos cantos, o rei da mercearia apresenta-se com a má catadura aos credores implacaveis. Outros papeis, com algarismos rabiscados a lapis, parecem reunidos num conciliabulo, em que se estejam tomando deliberações secretas e cruéis. Não reconhecer nesses papelinhos algumas enfaruscadas contas do carvoeiro, a factura dos concertos e um apontamento do debito ao pai-deiro.

O chefe da familia, com o seu melhor cursivo, vai alinhando na folha de papel as verbas de despesa, esmerando-se nos algarismos para evitar erros de contagem. Ao lado do papel figura já, irradiando o brilho das grandes fortunas, a importancia do ordenado: 800\$00. Feito o traço depois da ultima verba da despesa, começa a comovente operação da soma: dois e dois, quatro e n.ve, treze... Total mil cento e vinte e tres escudos e cinco centavos. Um deficit de mais de trescentos escudos.

A esposa, que assiste á operação com um admiravel sangue frio, alvira ao marido:

—Tira a prova dos nove! Talvez te enganasses na soma...

Ele tira alguma coisa, mas não a prova. Tira metade á verba da mercearia, um terço do sapateiro, adia o pagamento, ao carvoeiro, de meio cento de bolas para o mês seguinte. Mas, apesar dos cortes, o deficit ainda mexe. Trava-se discussão. A dona da casa afirma que os credores suspenderão os seus fornecimentos se não forem pagos integralmente. O chefe do governo da casa mantem a sua resolução de um acordo com os credores, unico meio de equilibrar as contas de gerencia do mês. Atendendo aos altos interesses da familia, a esposa cede e compromete-se a ir pedir espera ao homem da tenda, mas envia logo para a mesa a proposta seguinte:

—Considerando que perdido por dez, perdido por vinte;

Considerando que não tenho um vestido de inverno decente;

Proponho que se faça na despesa um novo corte... de lá para men uso exclusivo.

A proposta é admittida com urgencia e dispensa do regimento e aprovada sem discussão, porque a noite vai adiantada.

E isto é assim em todos os meses, em quasi todas as casas, só variando o objecto da proposta, que pode tambem ser um chapéo, um par de sapatos ou um saquinho de mão.



UM DESESPERADO



—Estou farto da vida, quero suicidar-me. Venho pedir emprestado o teu revolver!...
—Está ás tuas ordens. Mas não te esqueças de mo trazer depois.

Curiosidades

UM CÃO DE ESGOTO COM
CINQUENTA SÉCULOS

Os arqueólogos ingleses que andam fazendo pesquisas em Mohenjo-Daro e estudando a civilização que florescia há trinta séculos antes da era cristã, no vale do Indo descobriram as ruínas duma cidade que existia nessa época e cujos habitantes haviam atingido um alto grau de civilização. As paredes das casas e a distribuição dos quartos eram feitas com tal habilidade e perfeição que os architectos de hoje não as fariam melhor. Mas o que mais surpreendeu os arqueólogos ingleses foi a observação do aperfeiçoado sistema de canos de esgoto de que já beneficiavam os habitantes dessa cidade, mesmo os das ruas estreitas e os das casas mais pobres. Esse sistema obedecia ás mais apertadas condições de hygiene.

VACINA ANTI HIPNOTICA

A sciência moderna demonstra que o sono é, «não um estado fisiológico normal, mas um estado patológico, uma doença perigosa provocada por toxinas especiais, resultado das fadigas do dia, da degenerescência das células nervosas e musculares». Durante o sono, a formação das toxinas pára e produzem-se anti-toxinas. O professor Melik, para provar que se trata bem duma intoxicação, inoculou a um cão, muito bem disposto depois dum longo sono, um pouco de sono dum cão cheio de insónias: o cão que estava de saúde adormeceu imediatamente. E' que o sono continha a hipnotoxina, que foi agir no animal.

Assim como se habitua o organismo a certas doenças pela inoculação de culturas de viruência enfraquecida, isto é, de produtos tóxicos que geram essas doenças, provocando a imunidade contra elas (varíola, febre tifoide, cólera, peste, etc.), assim será possível, um dia vacinar-nos contra o sono. Trata-se apenas de produzir, nos laboratorios, vacinas anti hipnóticas. As experiências já feitas com as vacinas contra a fadiga muscular deram bons resultados. Se, como se supõe, a hipnotoxina se aproxima das toxinas musculares, o problema está um pouco em via de solução.

Talvez os nossos netos já conheçam o segredo de viver sem dormir, de viver muito mais do que nós, vivendo o mesmo número de anos...

A MULHER JAPONESA

Sob o regime feudal, a mulher japonesa estava proibida de aprender a ler e a escrever. Mas, em 1877, as famílias nobres fundaram o *Gakushu-in*, escola onde as crianças dos dois sexos podiam receber uma instrução elemental. Desde então, as escolas e colégios femininos principiaram a multiplicar-se. Há escolas onde as alunas aprendem especialmente a fazer flores artificiais, bonecas, chapéus, vestidos, etc. Há mesmo escolas destinadas principalmente a ensinar como se fazem ramos de flores. Essas escolas só a podem frequentar raparigas.

SENSAÇÃO!

O novo grande exito
do
«Domingo Ilustrado»

As primeiras respostas ao CONCURSO

Qual a
costureira
mais bonita?

Começamos hoje a publicar as quadras que enaltecem a «beleza» das nossas costureiras gentis.

Os concorrentes atingem quasi uma centena e lamentamos que a falta de espaço nos não permita inserir todas as quadras recebidas até á hora do nosso jornal entrar na maquina.

Compreendeu o publico a natureza do nosso concurso. As quadras que reclamamos devem ser exactamente assim, singelas, sem preocupações de litteratura.

A sua graça reside na espontaneidade com que são compostas e não nos primores litterarios com que pretendiam ataviá-las.

Podem concorrer, portanto, todos aqueles que num minuto de inspiração desejem proclamar a beleza, a graciosidade, os atractivos da

Costureira mais
linda de
Portugal

As quadras poderão vir acompanhadas de uma fotografia da costureira preferida, o que não impede que o «DOMINGO ILUSTRADO» envie os seus *Reporters fotograficos* aos ateliers, a fim de fixarem as expressões das COSTUREIRAS cujos encantos vão sendo celebrados no nosso Concurso.

A' jovem costureirinha Noémia.—Atelier, Madame Vale.

Por amar a ti, mulher
Meu coração se desfez,
Como o teu fado é cozer
Vê se o compões outra vez.

ARARA

A' Margarida, costureira do Ramiro Leão.

Margarida linda flôr
Amada costureirinha
Tu és o meu unico amor
A tua vida é a minha

ALFREDO FERRÃO

A' costureirinha Noémia.—(Atelier Madame Vale).

Tem o fu'gôr d'uma prece,
Tudo me á terra s'encerra;
Com seu sorriso, parece,
Nessa Senhora na terra...

HUMBERTO DE OLIVEIRA

A' Diamantina, do Atelier Demetria de Castro Pereira.—L. da Anunciada, 9, 2.º.

Oh, fiel gageiro da minha nau!
Quia me á terra prometida
Com os teus olhos... farois d'vinais
No caliginoso mar da vida.

V. F.

A Mlle Eduarda Nobre, (Casa Africana)

Enlouquece-me teu ojar
Tua boca doce e gentil:
O teu conjuncto a transpirar
Perfumes de manhãs de abril.

As tuas faces morenas
As perlas da tua boca,
Com teus olhos sempre negros
Teem uma graça loucal

MANOEL MARIA DA SILVA

Para Ofélia.—Alfaiataria Smart,—R. S. Pedro d'Alcantara.

Foi da luz do Paraíso
E dum sorriso do luar
Que Deus fez o teu sorriso,
Que Deus fez o teu olhar!

A. H.

A Coralia d'Oliveira,—Salão Mimoso.

E's interessante, formosa, gentil.
Coralia do meu encanto.
Quando te vejo passar oh! bela
Meus olhos se enchem de pranto.

JAIME LUCIO DA SILVA

A' graciola e gentil menina Izabel Maria dos Santos, (R. dos Anjos, 13, 3.º) humilde homenagem de «Alguem».

Quando o sol te viu tão bela
Foi á lua perguntar,
Como fugira a estrêla
Que viu na terra brilhar!

A' Ex.^{ma} menina B. S. Preito de admiração pela sua peregrina beleza e incomparavel graça.

Sou ateu, mas se te vejo,
Tão meiga e linda, passar,
Sinto em minha alma o desejo
De pôr as mãos e rezar!

HENRIQUE D'ALMEIDA

A Mlle Perpétua.—Atelier—R. Renato Batista.

E's o perfume divino
Dos lindos ninhos d'amôr.
Tens o aroma mais fino.
E's a mais linda flôr

LUIZ ANTONIO MADEIRA

A Mlle Sára.—Trabalha em casa.

Quando me fitas sorrindo
Meus olhos sinto indelicados,
Pois não sei, qual é mais lindo:
Se o teu olhar, se os sorrisos!

J. L. E.

A RAINHA MISTERIOSA

Na vasta península do Indústão, há um pequeno Estado, o Bhôpal, governado por uma mulher, que usa o título de *Begum*.

Soberana duma população mussulmana, a *Begum* de Bhôpal cumpre escrupulosamente todos os preceitos da sua religião. Nenhum homem, com excepção de seu marido, lhe viu o rosto. Veste-se magnificamente, mas traz sempre um véu branco ou preto, e assim assiste a tôdas as festas públicas. Nenhum dos seus súbditos, nem nenhum dos ilustres viajantes estrangeiros que teem sido seus hospedes pode gabar-se de conhecer as feições da *Begum* de Bhôpal.

DETECTIVES FEMININOS

Na Prefeitura de Polícia de Londres, em Scotland Yard, há um corpo especial de vinte inspectores femininos, encarregados das missões mais delicadas, por serem dotados duma educação muito completa.

Estas mulheres nada teem que ver com os policiaes femininos, apesar de quando as circunstâncias o exigem, não hesitarem em vestir-se de homens, caracterizando-se a preceito, para mais facilmente levarem a bom fim qualquer diligência.

COMO DEVEMOS DORMIR

O Dr. Jules Regnault, em várias comunicações feitas na Sociedade de patologia comparativa, demonstrou que a orientação do corpo humano, durante o sono, tem a maior importância. Segundo outro sábio, Reichenbach, a posição mais favorável para um sono regular é ficar com a cabeça para o norte e os pés para o sul, sendo a posição pior a da cabeça para oeste e os pés para leste. O Dr. Jules Regnault, após várias experiências, chegou ás mesmas conclusões, verificando que é na posição da cabeça para o norte que a fórmula do sangue é mais estável. Devemos, pois, dormir deitados no sentido da agulha magnética.

MALHERBE E AS MEIAS

O poeta francês Malherbe (século XVI), o autor dos célebres versos onde se diz que as rosas vivem apenas o espaço duma manhã, usava, por causa do frio, uma quantidade de pares de meias calçados uns por cima dos outros. De resto, muitos dos seus contemporâneos tinham o mesmo costume. Para não se enganar e calçar mais meias numa perna do que na outra, Malherbe ia deitando uma moeda num prato, a cada par que calçava. Um amigo aconselhou-o a pôr uma letra em cada par e ia enfiando-as por ordem alfabética. O poeta, seguindo o conselho, foi enfiando até á letra L, que significa que usava quasi uma dúzia de pares de meias. A propósito de meias, recordemos que as primeiras de seda que se usaram em França foram as que levava Henrique II no casamento de sua irmã Margarida com o duque de Saboia, em 1569.

O DOMINGO
Ilustrado

TEATROS

«SEMANA» HUMORISTICA DAS AMBICÖES

FALA D. PULQUERIA DOS ANJOS

Todos nós não somos aquilo que desejamos ser. Ninguém vive contente com a sua sorte. Mas uma classe há que devia viver completamente feliz: A dos actores. Com o desdobra-mento; da personalidade, o artista, na incarna-ção momentanea dos mais variados personagens, tem uma illusão, que se aproxima imenso da realidade. Todas, as noites, durante umas horas, o actor mete-se na pelle duma creatura, muitas vezes simpatica a si proprio. E é rico, em palacios, dispõe dum fascinador prestigio... Há mulheres que se suicidam por sua causa, o diabo!... Fora das horas do espectáculo, o actor entrega-se á gestação dos seus personagens, a tua galeria... um pouco a mania das grandezas... Um comico canhestro sonha com o Luis Fernandes da "Morgadin" a. A característica sente se transportada ao palco do Nacional, suspirando as endeixas da Ofélia do "Hamlet", pálida e loira, diáfana e fria. O "galanzuras" embala-se dia e noite com o pro-jecto de vir a formar companhia com a sr.ª Palmira Bastos e representarem ambos o "Romeu e Julieta"... E assim por diante.

Devem os actores ser felicissimos, pensarão o leitor... Não são. Temos a prova. Um reporter nosso consultou ante-ontem a celebre comica e cartomante vidente D. Pulqueria dos Anjos. A grande orullista, que vê na alma de cada qual como nós podemos ver a estátua de Camões, desfilou os mais reconditos mistérios do subconsciente de alguns dos nossos comediantes.

Pasme o leitor. E os artistas que agradeçam a D. Pulqueria dos Anjos o ter-lhes adivinhado os secretos desejos da sua vaidade.

O actor Augusto Conde?—preguntámos —Contentava-se em ser o inventor das estrovas sem pelo.

Otelo de Carvalho?

—Quería ter mais braços e menos talento

E D. Albertina d'Oliveira?

—Desejava ser simplesmente isto: Professo-

ra de francês.

Samuel Diniz?

—Estimava muito ser o sr. dr. Julio Dantas.

Luis Pinto?

—O Vertical, nada mais.

E Henrique Alves?

—Esse dava tudo para ser o inventor da

taxa.

Poderia saber-se qual a ambição de D.

Palmira Bastos?

—Ser o doutor Voronoff.

E Carlos Leal?

—Tem lá os seus macaquinhos... Mas dava

uma perna ao diabo para ser o grande orador

José Fontana da nova geração.

Francisco Sena, o do D. Amelia?

—Instructor de grumetes.

Por acaso o trágico Alves da Cunha não

está visível?

—E' muito complicado, respondeu D. Pul-

queria... Quería ser muita coisa. Mas uma das

suas maiores vontades é de ser alquilador.

O actor-empresario Almeida Cruz?

—Estimava bastante ser um dos duzentos

actores desempregados de que falou o "Do-

mingo".

O grande Chaby Pinheiro?

—Vôos muito largos... Presidente e prin-

cipal accionista da Federação dos Prestamistas

Portugueses.

E o actor X. Y. Z?

—Muito modesto... Quería ser o burro do

placarde...

D. Pulqueria, até á vista!

Rey-Colaço vai ao Brazil

Alexandre de Azevedo no Ginasio



Os illustres artistas Rey-Colaço e Robles Monteiro, com sua filhinha, rodeados da sua companhia e de pessoas amigas que foram levar-lhes as suas despedidas, a bordo do «Formosa»

Reabre dentro em breve as suas portas o teatro do Ginasio para abrigar a companhia dirigida por Alexandre de Azevedo, o artista gentleman, com um passado de glorias, que venceu um nome na escola dos mestres saudosos Rosas e Brazão.

O nosso illustre artista alia-se a Palmira Bastos, estrela consagrada, para uma larga temporada de arte.

O administrador da nova empresa é Jorge Grave, uma competencia.

Os nossos parabens á empresa do elegante Ginasio.

Esse remedio consiste em fazer o que na Belgica, na Alemanha, e na Inglaterra é vulgar e logico: intercambio com os teatros de Paris dos melhores numeros de musica, das mais esplendidas quadras de comedia, e até do proprio guarda-roupa.

Podem ter a certeza que o original não seria peor do que a melhor traducção.

Talvez assim se conseguisse interessar todas as camadas de publico num genero de teatro que por força ha de ter alegria, fantasia, graça, espirito e musica, endiabradamente ligadas atravez da elegancia sumptuosa e bem caracteristicamente feminina de meia duzia de actrizes, que não reproduzissem os papeis já feitos ou que fizeram, e notrando-se assim em ademanos que moem a opinião mais incondicional...

Porque não aceitar este alvitre? Com ele nada perderiam os escriptores de teatro... A sua obra não seria diminuida, mas renovada.

ARTUR PORTELA

Tema eterno

O teatro de revista morre de abundancia. Abundancia de artistas, de autores, de empresarios. Uns e outros tentam a fortuna e o exito submetendo-se ao publico que, facilmente, os renega, quando não atingem a sua mediocridade ou o seu impudor. Para atrair á bilheteira o grosso publico, muito carregado de vapores perniciosos, sem sensibilidade para distinguir a malicia do insulto soez, apreciando o nù pela carne e não pelo ritmo plastico—desce-se e insiste-se nas maiores ignominias, verbais e vizuais. Este hediondo estado de coisas que, ultimamente, se tem acentuado, é o factor mais importante da crise da revista. Os autores, impotentes para electrizarem o sorriso da plateia, exploram a linguagem proibida, fraco recurso de quem não sabe manejar o idioma, em reverberos de humour. Os empresarios falsificam as montagens, aproveitando a lona velha e o trapo mais barato. Os artistas entoam perorações tragicas tentando convencernos com pantomimas de conservatorio, que são grandes e refulgentes talentos. Como vêem, tudo trocado, tudo reles, tudo degradante. Não é

possivel para admirar que as revistas se afundem logo á primeira representação, embora animadas pela apoteose funebre das clagues. O publico já comprehendeu, embora instintivamente, que nos palcos de revista se estadeiam sem nenhuma sombra de moral,—castigat ridendo mores—os seus vicios mais intimos. Já não é a caricatura do homem; é o espectro, lama amassada em carne, embebida em alcool e tresandando a alcouce. Não é esta, como sabem, a missão do teatro. Ele não pode estar ao nivel do publico, de certo publico, mas superior, atraindo os olhos para um ponto que tanto pode ser a beleza como a verdade.

Os nossos autores fogem duma e doutra pretendendo manter a sua originalidade, com a originalidade dos outros, vinte e trinta anos atraz. Vá então de refazer ironias, de assimilar antigos quadros, de reviver tipos consagrados. Caia-se tudo isto de novo, com um titulo que é uma tolice, e a revista exhibe-se, oferecendo a procição lamentavel dumas dezenas de numeros, absolutamente desmiolados e incompletos. Para isto havia um remedio. Melhor, um processo digno e desasombrado que já se cá uza, mas muito em segredo, não vão os autores estrangeiros reclamar direitos que lhes não pertencem...

Olympia

Direcção de Leopolda O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europaeas e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a trazer a a preferida do publico

Odéon

Um cinema digno de uma grande capital. Casa de espectáculos modernos, confortavel, de risco bizarro. Odéon exhibe as mais notáveis super-produções da grande fabrica Americana «Metr-Godwin Mayer». Os espectáculos do Odéon estão a marcar um acentuamento de elegancia.

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pai dos cinemas lisboetas. Optimos films, sempre variados e para todos os paladares de publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrencia. Amplissima e elegante sala.

Politeama Avenida

A Companhia Nascimento Fernandes representa revista de grande monta "A Aldia dos Macacos". Nascimento Fernandes é sua volta alguns dos melhores elementos que um genero. "A Aldia dos Macacos", uma delicia de charges, promete eternar-se no cariz do lindo do da Rua Eugenio dos Anjos.

Companhia Satanela-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Além de Amarante—o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca ao «tic» parisiense da sua estylo. Heje e por enquanto todas as noites «Água-pé».

Foz

O Teatro Salfo Foz regressa á Revista com um magnifico elenco de genero musicado, sob a direcção de Holbeche Bastos. A estylo faz-se com a nova revista «Chave d'Ouro» estando o desempenho confiado aos axes da revista Carlos Leal e Elisa Santos, e a outros admiraveis elementos.

Pathé Cinema

Espectáculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

Hotel Restaurant Bela Vista

RUA S. PEDRO D'ALCANTARA, 51 a 55

Celas toda a noite

QUADROS COM LINDA VISTA PANORAMICA

Esmerado serviço de cozinha

Gerencia a cargo de: José Eduardo Rodrigues

RECEBEM-SE COMENSAES

POUCA animação, áquela hora, na sala de jantar do Central Hotel, em Friedrich Strasse. Quasi todos os hóspedes iam comer aos *restaurants* ruidosos, *restaurants* caprichos, *restaurants* *dancings*, de *Kosfürsdame* on de *Under Linden*. Quando entrei para engulir á pressa a refeição nocturna, a sala, vasta, decorada á moderna e com os *abat-jours* a projectarem uma luz velada e colorida sobre as toalhas alvissimas, tive a impressão de que me encontrava numa fantástica floresta onde centenas de arvores anãs floriam sobre um campo de neve.

Como de costume, lá estava, proximo do meu lugar, aquella familia portuguesa—os Reis d'Andrade: pai, mãe, uma filha e um sobrinho. Eram do Porto. Gente abastada; burgueses antigos já com geologia na finança e na industria do país. Citavam as fortunas e as fabricas dos antepassados—como os nobres citam as batalhas e os feitos ultramarinos dos seus maiores. E como o dinheiro e o tempo tudo conseguem—os Reis d'Andrade, vindos dos mais plebeus mercados de secos da cidade invicta, tinham se estilizado atravez as gerações, até o refinamento aristocratico que actualmente exhibiam.

Saudaram-me com um sorriso de simpatia, e Lili, palradora e ansiosa de convivencia, meteu logo conversa: —Vai esta noite ao teatro? —Vou... A uma companhia russa de peças mimadas... E você? Lili fez beicinho e abanou a cabeça morena: —Nós, não. Passaremos a noite no



—Vai esta noite ao teatro?

terraço de qualquer café, a ouvir as mesmas musicas e a ver desfilar a mesma gente.

O Reis d'Andrade pai, magro e amulhado, acariciou a barba grisalha que lhe pontegudava o rosto e, olhando de soslaio para o sobrinho, explicou: —Você compreende... Nós não sabemos alemão... E' a primeira vez que estamos em Berlim. O Zeca, que conhece isso como eu conheço o Porto, é que nos podia acompanhar... Mas não quer.

E Lili, com o verniz das suas pupilas negras, enormes, a humedecer-se, repetiu: —Não quer...

O aludido Zéca, o sobrinho dos Reis d'Andrade, amodonado e a cabe-

ça quasi metida dentro do prato da sopa, teve um ligeiro encolher d'hombrós—e de má catadura, desculpou se: —Não é não querer; é porque não posso. Tenho uma reunião de condiscipulos—não posso faltar a ela.

Zéca vivia ha muito na Alemanha. Orfão de pai e mãe, tinha sido educado pelos tios que, muito novo ainda, o mandaram á Universidade de Berlim para cursar engenharia. Não era difficil adivinhar que entre os primos havia um namorico—um namorico onde o menos interessado era ele, o Zéca. Viase que nem aquella visita inesperada da familia, nem sequer a aproximação da noiva, haviam rejubilado o estudante.

Não tornámos a falar durante toda a refeição. Escorepichado o pessimo café, cumprimentei-os e saí. Cá fóra, Friedrich Strasse era uma labareda, no incendio imenso das suas fachadas, cheias de anuncios luminosos. Tomei um taxi; cheguei ao teatro, já com o pano em cima. A companhia era mediocre, os dois primeiros artistas tinham sido substituidos—e durante o espectáculo, uma dama escanzelada e loura teve uma sincope e foi levada em braços, não sei se morta, para o hospital.

—E' dia treze pela certa!—pensei ao sair do teatro—és dez e meia.

Era, de facto, dia 13—13 de maio. Um mal estar inexplicavel se infiltrara nos meus nervos. Caminhando vagarosamente por Leipziger Strasse, senti nascer em mim um medo incompreensivel, um medo de louco, o medo de que os predios caissem sobre mim, que alguém me matasse por engano, que um automovel saltasse sobre o passeio e que me esmagasse. Nunca, como naquela noite, sofri o naufragio do estrangeiro no oceano da multidão desconhecida. Nunca, como naquela noite, tive uma noção tão nitida da engrenagem invisivel que une a super consciencia humana ás tragedias, á distancia do tempo e do espaço.

Não podia ir para o hotel. O meu quarto sfgurava-se-me um jazigo. E fui caminhando sempre, sempre, sem fito, apressando pouco a pouco o passo, até atingir a velocidade duma fuga. Sim... eu julgava fugir da sombra dum crime, da sombra da morte—e afinal era o crime e a morte que me atraíam; que me obrigavam a aproximar delas, vertiginosamente. E assim, de subito, encontrei-me em *Kursfürdam*, marginado de *cabarets*, constelado de milhares de arcos voltaticos, sacudido pelo baticue de centenas de *jazz-bands*. Cada terraço tinha a sua cor; cada fachada a sua decoração, cada *groom* o seu fardamento. Era uma feira de prazeres, uma feira de hiper civilizador, uma feira com todas as cores, com todas as luzes, com todas as alegrias—herosfocada por gente de todas as raças, por mulheres de todos os tipos de beleza e de elegancia.

Parei um pouco, entretido. Foi então que notei que, no passeio oposto, havia umas correrias, que frente a uma porta de cristal, forrada de cortinas de seda vermelha, se amassavam, papalvamente, grupos de curiosos. Depois, dois

gigantes, de capacete de oleado e luvas brancas, sem grande pressa, atravessaram a rua e, perfurando a multidão, desapareceram no *music hall*. Segui os. Era atraído... Era o dia treze a atapear-me o caminho de surpresas funestas, de emoções desagradaveis. Passado poucos minutos, trouxeram uma maca com um corpo ensanguentado, vestido ainda com as lantejoilas. Um traje de palco.

—O que foi?—indaguei. —Deram tres tiros de revolver em Wanda-Wando—o celebre numero do *Korsaal*...—Informou-me alguém.

O auto da Cruz Vermelha rodou em direcção ao hospital—e eu, acovardado sempre por aquella obsessão do dia, pensei em refugiar-me rapidamente no hotel. Não me deixaria. Ficaria a ler, refastelado numa das maples do *hall*. Tomei um comboio aereo e apei-me em Friedrich Strasse. Ao entrar na Central, chegaram até mim os soluços duma mulher.

—Mas que macaca!—exclamei. Onde diabo hei de ir eu hoje para não presenciar mais tragedias e maçadas?

O porteiro—um bavaro ventruco e ruivo, de mãos cruzadas sobre a pança, espreitava, com olhar condoído, para o *hall*. Avancei. Eram as duas portuguesas que choravam aflitivamente, lusitanamente, nos braços do Reis d'Andrade, a que a palidez soubera triunfar do moreno escuro da face escaveirada.

—Porque choravam? Tiveram más noticias?—preguntei-lhes.

Foi Lili quem me atendeu:

—O senhor, que é jornalista... o senhor é que pode salva-lo...

—Mas a quem é que quer que eu salve?

—Ao meu primo —o Zéca.

—E qual é o perigo que ameaça o seu primo?

—Não sabe? Disparou tres tiros de revolver no peito duma artista qualquer de *music-hall*. Salve-o, jogue com todas as suas influencias. Mas salve-o, tenha dó de mim.

Sem forças para resistir ás lagrimas de Lili, tomei um taxi e fui á redacção do *Deutsche-Tagezeitung*—o unico jornal de Berlim onde possuia alguns conhecimentos. O reporter do serviço de crimes—um pernalta de olhos grossissimos e olhos bogalhudos e esverdeados—prontificou-se a

OS PORTUGUEZ D'ALEMANHA

O ULTIMO CRIME DE BERLIM

Novela original e inédita REINALDO FERREIRA

O celebre Reporter conta-nos uma pagina de vida emocionante em Berlim, onde passa uma aventura durante sentimental e amoroso, com os portugueses. A originalidade e honra do admiravel cronista revelam-se sempre, cheias de interesse.

acompanhar-me ao commissariado. O oficial da policia explicou:

—E' um português—José Reis de Andrade... Estudante. Feriu Wanda-Wando, do *Korsaal*...

—E a vitima está gravemente ferida? —preguntei.

—Nem por isso. Diagnostico ligeiro... Devo porém preveni-lo que esse seu compatriota é já conhecido dos registos policiaes. Varias vezes veiu aqui parar por tentativas de agressão—

sobretudo por tentativas de agressão contra artistas de *music-hall* e *cabaret*.

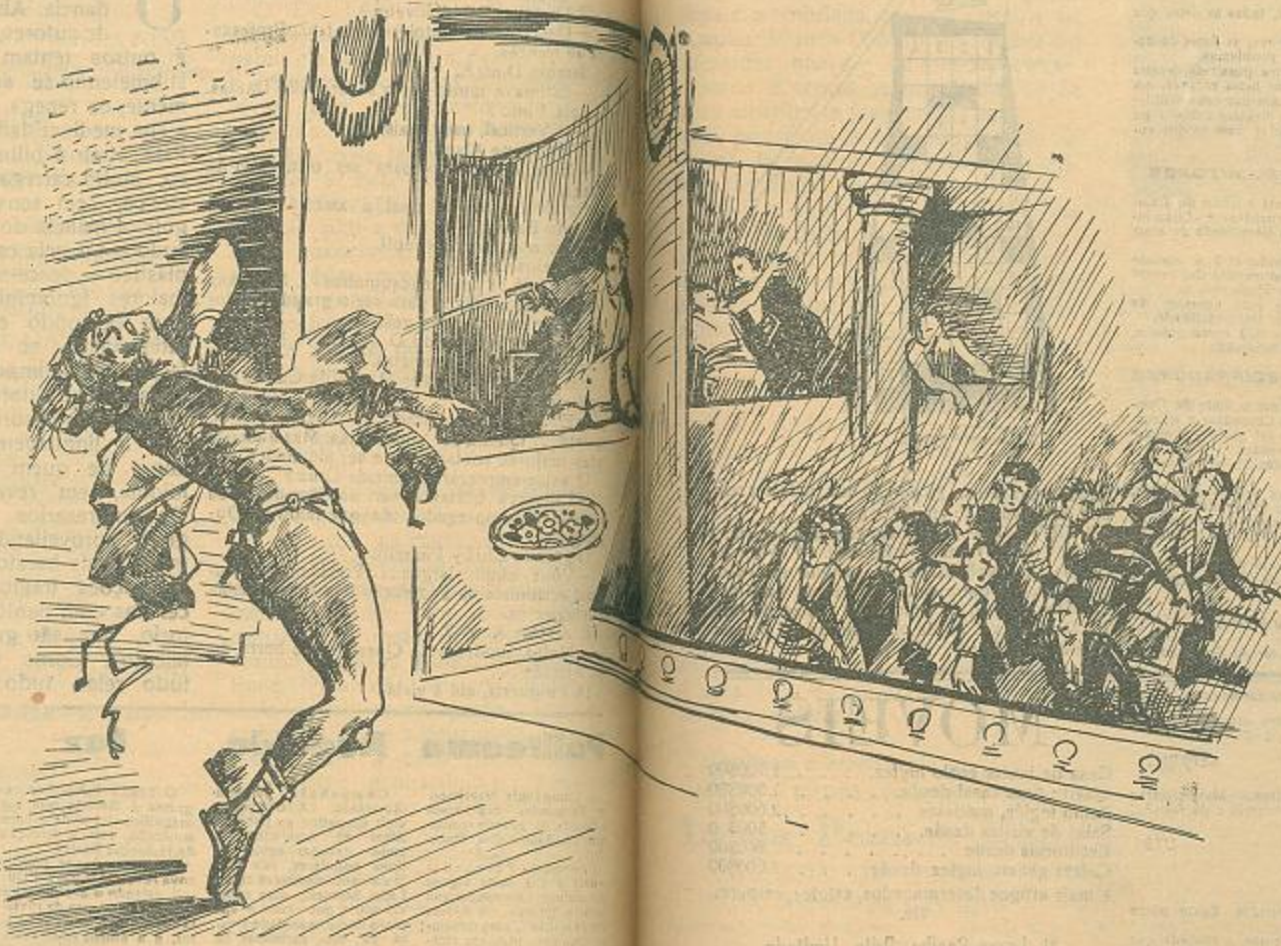
—Poderia falar-lhe?

O official fitou-me, retorcendo a bigodeira ruiva. Depois, transigente, cedeu:

—Sente-se e espere um pouco. Vou mandá-lo chamar.

Deu uma ordem ao ordenança e voltando-se para mim prosseguiu:

—Antes da guerra, viajei muito. Conheço perfeitamente a Espanha e



Tirei a pistola e apertei o gatilho á doida...

Portugal. Não existe paizes onde a mulher seja mais esquiua do que na peninsula iberica. E, fenomeno pitoresco, são precisamente os homens desses paizes que, ao sairem deles, mais exigem das mulheres das outras raças. Dizem os estrangeiros que as alemãs são levianas, que se entregam facilmente nos braços do primeiro homem que lhe fala em amor. Pois bem: os portugueses e os espanhóis passam a vida a perseguir-las, a exigir-lhes toda a abdicacão ao seu pudor especial, á sua vontade de entregar-se—que é livre, completamente livre. Nos registos policiaes da Alemanha os casos de agressão a mulheres, por resistencia destas o são quasi sempre herosfocadas por ibericos...

Não era lisonjeira a revelação daquelle estatística—e tive de engulir em seco. E o official da policia prosseguiu: —Eles creem-se irresistiveis—e não admitem a hipotese de que uma mulher alemã se negue a obedecer ao seu mando. E' muito pitoresco! Mas, o mais extravagante de todos os casos que eu conheço é precisamente o presente... o de José Reis d'Andrade. Esse... é *kolossal!*

E soltou uma gargalhada. —E porquê? quiz saber eu, intrigado. O que existe de excepcional e de engraçado nesse crime?

—Depois... depois, contar-lhe-hei tudo. Neste instante dois inspectores traziam ao gabinete o criminoso.

Zeca estava abatido, amarfanhado, um frangalho humano. Sem colarinho, a camisa engomada esguichada de sangue, *smocking* roto... E a guedelha, despenteada e caída sobre a testa morena, dava-lhe um nítido ar de fadista ajanotado.

Ao dar comigo, no alvorço de ver um rosto conhecido, um compatriota, caí nos meus braços, sacudindo-me com um soluço de criança castigada.

—Mas que loucura foi essa?—segrediei-lhe. Um desgosto para sua familia. A pobre Lili está angustiada...

—Não a mereço, meu amigo, não a mereço...—murmurava, em convulsões de choro.

—Vá... calma. Sente-se. Conte-me tudo... Alguma coisa se fará em seu favor...

—Estou perdido, Reinaldo Ferreira. Estou perdido. Matei! Tenho a certeza que a matei!!!

—Engana-se. Está viva... Está ligeiramente ferida, apenas.

Esta noticia sossegou-o um pouco. Sentou-se. Limpou os olhos ao lenço de seda—e a seguir começou:

—Você sabe o que é a vida de um estudante na Alemanha, sobretudo se um estudante possui boa mezada. Ha sempre onde gastar—ha sempre prazeres novos á saborear. Ora, se acrescentarmos a isso o merito de ser português—o caso fica bem esclarecido—não é verdade?

Ao pronunciar a palavra «português», Zeca, apesar do sangue que lhe pesava na consciencia, apumou-se nessa basofia donjuanesca que tanto nos ridicularisa lá fóra.

Zeca continou:

—Frequentava com assiduidade os *cabarets* e os *music hall*. E—para que negar?—nunca fui dos mais infelizes. Mulher que me interessasse—mulher que me reservava um comodo compartimento no seu coração. Ha cousa de três semanas appareceu em Berlim a artista de variedades mais sedutora que até hoje tenho contemplado.

—Wanda-Wando?

—Essa mesmo. Pelo nome parece russa. Conheci-a no teatro onde se estreiei—no *Savoia*. Que brilho de olhar! Que delicadesa de rosto! Que esbeltesa de corpo! Que graça de expressão! Que encanto de voz! Nessa mesma noite mandei-lhe um ramo de flores—que ela aceitou. Na noite seguinte lá estava também—numa *avant-scène*, no lugar mais proximo do palco, para que me notasse. E tanto fiz que já nos ultimos *couplets* se sorria para mim. E que sorriso, meu amigo! O que havia de promessas nesse sorriso!

—Segundo ramo e primeira carta. Nada de resposta. Na terceira noite esperei-a á saída da caixa. Esperei a em vão. Sairam todos os artistas—menos ela. Na outra noite subornei o porteiro, entrei no palco pouco depois dela terminar o seu numero, dirigi-me ao camarim. Uma voz de homem, forte, grossa, abaritonada, pergunta, do outro lado, o que desejava.

—Desejava falar com a *fräulein* Wanda-Wando.

—Já saiu!—respondeu a mesma voz, com um ligeiro picante—ironico.

—Estive dois dias sem a ver. Ela mudava de teatro e ia trabalhar para o *Korsaal*. Não faltei á estreia e quando ela appareceu no palco e se aproximou da frisa, disse-lhe bem alto:

—Porque se esquiua a falar-me? Porque não responde ás minhas cartas?

—Ela, mais picara do que nunca, sorri-se—num sorriso que era outra promessa. E toda a noite trabalhou olhando-me com tal provocação que todos os espectadores o notaram e vi-me, por momentos, numa situação bem ridicula.

—Mas... mas era isso que me preocupava. Todo o meu ser vibrava na ansia de possuir aquella maravilha de mulher. De novo me espeequei á porta da caixa. Sairam os artistas—e Wanda-Wando faltou. Interrogei o porteiro, que se contentou em apontar-me, em silencio, um rapaz que saía naquele instante. Corri para ele e interpelei-o:

—Perdi-o... *Fraulein* Wanda-Wando já saiu?

—Não! Aquilo não podia continuar. Aquilo... era fazer pouco!

E, ao expressar-se assim, José Reis Andrade simbolisava o orgulho lusitano—o espirito desconfiado e excessivamente sensível da raça. Garantia que era a mulher que o obsessivava—mas eu fiquei convencido que era a vaidade, o amor proprio de europeu, de *portuguesinho valente e irresistivel*.

Limpou o suor; respirou fundo—e prosseguiu:

—Vou encurtar. Basta que lhe diga, meu amigo, que multipliquei trucs, os presentes, as cartas; que esvasiei as jarras dos floristas e as montras dos ourives; e ela, todas as noites, me agradecia do palco, com um sorriso cheio de promessas—e eu nunca conseguí falar-lhe, nem no camarim, nem á saída do *music hall*.

—Ante ontem preveni-a da frisa:

—Tem cuidado! Ou me appareces á saída, ou te mato amanhã!

—Faltou, como de costume. Andei todo o dia escravo desta tentação, com a boca seca, ansioso de vingança. Ela não havia de rir-se mais tempo dum português; sim, dum português! E esta noite, quando appareceu sob a luz da ribalta, desengonsando-se nos seus

balailados egipcios, tirei a pistola e apertei o gatilho á doida...

Zéca ia animando-se pouco a pouco; as faces coloriam-se, quasi iluminadas de gloria e de orgulho satisfeito.

—...Foi um escândalo. Ela caiu, vermelha de sangue, de olhos fixos em mim. Retinetavam-me os ouvidos os guinchos das mulheres, desmaiando gritos, correrias—e eu alvo de todas as miradas, de todas as atenções...

Um silencio. Depois...

—Pena tive eu de não ter uma navalha portuguesa—porque se a tivesse, com a navalha a teria ferido. Seria um espectáculo bem português e aqueles alemães teriam visto do que é capaz um homem do Porto, quando uma mulher o troça e o mete a ridiculo...

—Perdi-o... *Fraulein* Wanda-Wando já saiu?

—Não! Aquilo não podia continuar. Aquilo... era fazer pouco!

E, ao expressar-se assim, José Reis Andrade simbolisava o orgulho lusitano—o espirito desconfiado e excessivamente sensível da raça. Garantia que era a mulher que o obsessivava—mas eu fiquei convencido que era a vaidade, o amor proprio de europeu, de *portuguesinho valente e irresistivel*.

Limpou o suor; respirou fundo—e prosseguiu:

—Vou encurtar. Basta que lhe diga, meu amigo, que multipliquei trucs, os presentes, as cartas; que esvasiei as jarras dos floristas e as montras dos ourives; e ela, todas as noites, me agradecia do palco, com um sorriso cheio de promessas—e eu nunca conseguí falar-lhe, nem no camarim, nem á saída do *music hall*.

—Ante ontem preveni-a da frisa:

—Tem cuidado! Ou me appareces á saída, ou te mato amanhã!

—Faltou, como de costume. Andei todo o dia escravo desta tentação, com a boca seca, ansioso de vingança. Ela não havia de rir-se mais tempo dum português; sim, dum português! E esta noite, quando appareceu sob a luz da ribalta, desengonsando-se nos seus

balailados egipcios, tirei a pistola e apertei o gatilho á doida...

Zéca ia animando-se pouco a pouco; as faces coloriam-se, quasi iluminadas de gloria e de orgulho satisfeito.

—...Foi um escândalo. Ela caiu, vermelha de sangue, de olhos fixos em mim. Retinetavam-me os ouvidos os guinchos das mulheres, desmaiando gritos, correrias—e eu alvo de todas as miradas, de todas as atenções...

Um silencio. Depois...

—Pena tive eu de não ter uma navalha portuguesa—porque se a tivesse, com a navalha a teria ferido. Seria um espectáculo bem português e aqueles alemães teriam visto do que é capaz um homem do Porto, quando uma mulher o troça e o mete a ridiculo...

—Perdi-o... *Fraulein* Wanda-Wando já saiu?

—Não! Aquilo não podia continuar. Aquilo... era fazer pouco!

E, ao expressar-se assim, José Reis Andrade simbolisava o orgulho lusitano—o espirito desconfiado e excessivamente sensível da raça. Garantia que era a mulher que o obsessivava—mas eu fiquei convencido que era a vaidade, o amor proprio de europeu, de *portuguesinho valente e irresistivel*.

Limpou o suor; respirou fundo—e prosseguiu:

—Vou encurtar. Basta que lhe diga, meu amigo, que multipliquei trucs, os presentes, as cartas; que esvasiei as jarras dos floristas e as montras dos ourives; e ela, todas as noites, me agradecia do palco, com um sorriso cheio de promessas—e eu nunca conseguí falar-lhe, nem no camarim, nem á saída do *music hall*.

—Ante ontem preveni-a da frisa:

—Tem cuidado! Ou me appareces á saída, ou te mato amanhã!

—Faltou, como de costume. Andei todo o dia escravo desta tentação, com a boca seca, ansioso de vingança. Ela não havia de rir-se mais tempo dum português; sim, dum português! E esta noite, quando appareceu sob a luz da ribalta, desengonsando-se nos seus

balailados egipcios, tirei a pistola e apertei o gatilho á doida...

Zéca ia animando-se pouco a pouco; as faces coloriam-se, quasi iluminadas de gloria e de orgulho satisfeito.

—...Foi um escândalo. Ela caiu, vermelha de sangue, de olhos fixos em mim. Retinetavam-me os ouvidos os guinchos das mulheres, desmaiando gritos, correrias—e eu alvo de todas as miradas, de todas as atenções...

Um silencio. Depois...

—Pena tive eu de não ter uma navalha portuguesa—porque se a tivesse, com a navalha a teria ferido. Seria um espectáculo bem português e aqueles alemães teriam visto do que é capaz um homem do Porto, quando uma mulher o troça e o mete a ridiculo...

—Perdi-o... *Fraulein* Wanda-Wando já saiu?

—Não! Aquilo não podia continuar. Aquilo... era fazer pouco!

E, ao expressar-se assim, José Reis Andrade simbolisava o orgulho lusitano—o espirito desconfiado e excessivamente sensível da raça. Garantia que era a mulher que o obsessivava—mas eu fiquei convencido que era a vaidade, o amor proprio de europeu, de *portuguesinho valente e irresistivel*.

Limpou o suor; respirou fundo—e prosseguiu:

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 6
6.ª SÉRIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
VI. CONDE DA RELVA

2
OUTUBRO
1927

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—LISBOA



Sr.ª D. Maria Amélia Gomes (MAMEGO) «Campeão dos campeões» de Decifradoras de 1927-28. Premiada com o interessante volume O amor em Portugal no Século XVIII, do notável escritor João Dantas.



Sr. Arménio Vidal de Macedo (D. SIMPÁTICO) «Campeão dos Campeões» de Produtores de 1927-28. Premiada com a magnífica obra Os Idealgos da Casa Mauriça, do eminente escritor João Dantas.

Ofertas de «Dr. Fantasma», pelo «Moinho de Paciencia».

LCQOORIFO

(Agradecendo ao digníssimo Director «Visconde da Relva» a «distinção»... com que me mimoseou, e retribuindo a «Bixo Knhoto».)

1 Crês, meu caro senhor—1-2
Que gostei da atenção,
Todo o mundo é sabido—3-2
De que não sou campeão.

Mesmo que o fosse, eu creio,—3-4
Que a cotação não baixava;
Era uma questão de meio,—1-4
E a charada morta estava.

Bastava-me só fazer
O que faz a maioria;
«Caçava» a decifração,
E campeão logo seria.

Lisboa MARIANITA

CHARADAS EM VERSO

2 Adoça tanto o teu ar,—4
Hoje, o rapaz bem trajado,
que causa «vôjo» ao passar—1
no teu tódo ofendido

Lisboa BIXO KNHOTO

3 Se o sonho não mentis-te, que ventural...
Noite de amor, de estrelas, de luar...
Brando perfume e embalando o ar,
Um jardim todo rosas e verdura...

Ao longe, de mansinho, o mar murmura.—1
Só silêncio e mistério a imersar...
Suavemente, a brisa vem beijar
As pétalas das rosas, «cum» ternura...—1

Perdidos entre a relva perfumada,
Nós, enlaçados, naquele val'ondito,
Bebendo a mesma aura abençoada,

Fundidos: líbios, alma e coração,
Num beijo interminável infinito...
Mas entre tudo sonho... sonho vão!...

Almeirim IAMAR

(A' Ex.ª confrade «Marianita», pedindo desculpa do atrevimento).

4 Há bem pouco que tive esta eusádia:
Escrevi-lhe uma carta tentadora,
Que lhe há de dar, eu sei, minha senhora,
Uma grande, grandíssima, alegria!

Guiado p'lo amor que em mim sentia,
E inspirado em si tão sedutora,
Quiz relatar-lhe em «rosa sonhadora»
A paixão que em minha alma já nascia,—1

Gostava de saber qual a sentença—1
Que me reservava peço já licença
Portanto, para não demorar isso,

Porque se a tal resposta não for sim,
Em lugar de gastar o meu latim,
Vou mas é comer ovos com chouriço.

Lisboa REI-FERA

CHARADAS EM FRASE

5 «Despois», quando tiver coasido, hei-de recapitular.—2-2.
Lisboa CAPITÃO BOCHE

6 Punge-me ver que voce, onde quer que se encontre, está sempre irritado—3-1.
Almeirim D. GALENO

7 Veja se se acostuma a ter pena de que qualquer objecto não esteja a p'cto no seu lugar!—3-1.
Lisboa DITE

8 Cite-me uma pessoa destra e p'rita em alguma coisa, como, por exemplo, um official cobrador do imposto sobre as pescarias.—2-2.
Lisboa DUQUE EDZAZ

(Agradecendo ao illustre confrade «Africano»)

9 Só é nobre o mortal de coração formoso.—2-2.
Lisboa EURISTO

10 Uma salva de prata, foi a quinhão que coube a este marinheiro.—2-2.
Maíra FIGARO

11 Quando, aliás na tempo que se prestar a isso, fazemos os mandamos fazer alguma coisa à pesca, no lugar em que por acaso estivo ontem?—2-1-1.
Benfice GABI

12 O chefe de typografia não tinha cabeça para imprimir o registo das audiencias dos tribunals.—2-2.
Maíra IDILIO

(Tréplica ao illustre «Amido», lembrando-lhe que os «Kouga» valem muito e os «Drugosa» não se deitam fora...)

13 A verdade é que eu alemorizo os parcelos, provando-se assim que seu «um» adversário temivel.—3-1.
Lisboa JAMEGAL

Ao confrade «Idílio»

14 A «planta» oscila com o vento e às vezes cai por terra, se tal não se impedir.—1-1.
Maíra LUMARO

15 Um estratna, por onde quer que passe, mostra sempre o que tem sadiado.—3-1.
Lisboa ORLANDO-O-PALADINO

Ao «D. Simpático», mudando os conselhos da sua «Rapado»

16 Se éle extorque astuciosamente o dinheiro é pena, porque em sendo descoberto é «reprendido despermente».—2-1.

Lisboa RENANDOF

PALAVRAS CRUZADAS

a passatempo moda

Secção dirigida por VISCONDE DA RELVA
Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—LISBOA

REGULAMENTO

Da Secção de «Palavras Cruzadas» e «Circos-intercalados»

derá em harmonia com o expº to neste Regulamento. 18.º—Este Regulamento entra em vigor no presente numero.

PROBLEMA DE HOJE

Original de «Ausanias».

HORIZONTALIS—1, nascimento de um as ro. 5 grandes quantidades. 6 donaire, 9 rio da Siberia. 10 gritos. 12 riqueza. 14 onde. 15 graça. 16 «ave pernalta do Egipto». 19 sitios. 21

PRODUÇÕES

- 1.º—São admitidos todos os problemas que satisfaçam as normas descriptas neste Regulamento.
- 2.º—Os problemas devem ser bem desenhados em papel branco e a tinta da china.
- 3.º—Cada problema deve indicar a solução e os dictionarios utilizados.
- 4.º—Não serão publicados trabalhos que sejam considerados imperfeitos, quer pela construção do desenho, quer pelo uso excessivo de anogramas e outros derivados, tendo sempre a preferença na inserção os que menos destas imperfeições contiverem.
- 5.º—Será também motivo de preferença, a melhor configuração do desenho.
- 6.º—A numeração das parciais deve ser central ou lateral, como a dos problemas N.ºs 131 e 140, ou superior, seguida, como a do problema hoje inserto.
- 7.º—Os problemas devem ter numeradas e mencionadas todas as filis que comportem até um minimo de duas casas, inclusivé.
- 8.º—Só se publicam produções que tenham as parciais rigorosamente verificadas nos seguintes dictionarios:

- a) Candeio de Figueredo.
- b) T. da Silva Bastos.
- c) Henrique Branswick.
- d) Francisco de Almeida e H. Branswick (Pastor).
- e) Sílvia da Fonseca.
- f) Augusto Moreno.
- g) Do Povo.
- h) De S.º Simões (José da Silva Bandeira).
- i) Do Charadista (Antonio M. de Sousa).
- j) Da Mitologia (José da Silva Bandeira).
- k) Auxiliar do Charadismo (José da Silva Bandeira).

DECIFRAÇÕES

- 8.º—O prazo para a recepção das listas de decifrações é de 15 dias.
- 9.º—Serão anuladas, sem distincão, todas as listas que contiverem decifrações inexactas.
- 10.º—Serão contadas, aos decifradores, as listas de decifrações exactas dos seus proprios problemas.
- 11.º—Para se precaverem contra possíveis desvios nas soluções, que os levaria a enviar listas erradas, em virtude de emendas que acaso incidam nos seus problemas, devem os decifradores ter o maximo cuidado no confronto das designações publicadas com as que enviaram.

CLASSIFICAÇÃO DOS PRODUTORES

- 11.º—Será conferido trimestralmente o titulo de Campeão de Produtores de «Palavras Cruzadas» e «Circos-intercalados» ao autor da produção classificada de mais perfeita.
- 12.º—Para esta classificação atender-se-á á melhor delineação do desenho e ao minimo numero das incorrecções mencionadas no n.º 4 deste Regulamento.
- 13.º—Este titulo será conferido pelo Director da Secção, para o que usará da maxima imparcialidade.
- 14.º—O Campeão de Produtores terá como prémio, além do titulo a publicação da sua fotografia.

CLASSIFICAÇÃO DOS DECIFRADORES

- 13.º—Será conferido trimestralmente o titulo de Campeão de Decifradores de «Palavras Cruzadas» e «Circos-intercalados» ao decifrador da 1.ª categoria que maior numero de problemas tenha solucionado.
- 14.º—Havendo mais de um decifrador nestas circunstancias, a sorte decidirá.
- 15.º—O Campeão de Decifradores terá como prémio, além do titulo, a publicação da sua fotografia.
- 16.º—Serão classificados decifradores da 1.ª categoria os que decifrarem até um minimo de 75% dos problemas publicados durante o trimestre.
- 17.º—Serão classificados decifradores da 2.ª categoria os que decifrarem até um minimo de 50% dos problemas publicados.

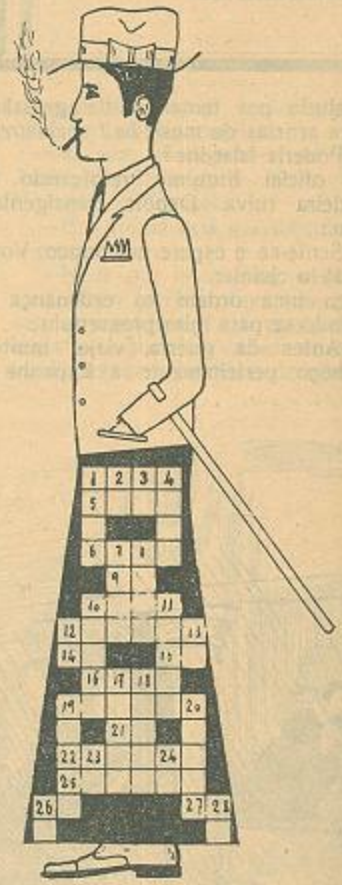
DISPOSIÇÕES DIVERBAS

- 17.º—Nos casos emissoes, o Director da Secção proce-
- Para o «Vasco Dias» assasinar de cara
- 17.º—Muito me ri quando vi vir para este lugar o confrade e o resto do escol tertulino!—2-2.
- Lisboa SEPERNE

18 A vida é bela!—Dizem muitos...—Mas quantos desses já se tiraram as negruras da miséria e da fome?...—1-2.
Lisboa UTS

CORRESPONDENCIA

ARARA.—Não publicamos sincopadas. Envie outro género, que será bem recebido.
DUQUE EDZAZ.—Queira indicar-nos a charada que reputa mais perfeita de entre as publicadas no n.º 4, para evitar a anulação da lista.
MARIANITA.—Já estavamos apreensivas com a sua ausencia...
SOBA DA TORRE.—O que pede edcontra no «Domingo Illustrado» de 2 de Dezembro de 1926,



uma. 22 bravatear. 25 porção que pode ser contida numa cuia. 26 até. 27 «sua».
VERTICAIS.—1 dolmen. 2 causa alegria. 3 porco. 4 ódio. 7 caldo. 8 infimos. 10 «fruta do Brasil». 11 immobillidade do sangue nos vasos capillares. 12 outra coisa. 13 «rio da Tartária». 17 alisei. 18 «rio do Brasil». 19 «pelxe de rio». 20 «mulheres». 23 de outro modo. 21 o mais. 26 até. 28 favores.

MOVEIS

- Casa de jantar estilo inglez. 1.700\$00
- Quarto para casal desde. 1.500\$00
- Estilo inglez, macissos 2.600\$00
- Salas de visitas desde. 500\$00
- Escritorios desde 800\$00
- Cofres genero inglez desde 1.000\$00

e mais artigos desermannados, estofos, carpetes, etc.
M. Lopes Coelho, Brito, Limitada
R. da Atalaia, 71 e 109
TELEFONE 287 T

VARIA

O ultimo crime de Berlim

Continuação da pagina 7

Felizmente que o oficial da policia suspendeu a visita e o mandou recolher á cela—porque do contrario Zéca Reis d'Andrade teria dito que o Governo português tinha o dever de lhe dar a Cruz de Espada, pelos bons serviços prestados ao país.

Despedi-me do pobre moço—e quando ele saiu da sala, o official soltou, pela segunda vez, uma gargalhada assustadora:

—Mas de que se ri?—preguntei.

—Do seu compatriota. Se ele soubesse...

—Mas se soubesse.. o quê?

—O motivo imperioso porque Wanda Wando não podia ceder ás suas ardencias amorosas...

—Por favor... fale claro!

E o official falou claro:

—Wanda Wando não podia nunca ser amante do seu amigo pela simples razão... de que não é uma *coupletista*, mas sim um *coupletista*.

—Hein?

—Sim, meu caro senhor. Wanda Wando é um dos muitos artistas russos, de formas esbeltas e rosto afeminado, cujo grande talento consiste em trabalhar como mulheres, vestindo e cantando como qualquer prima-dona. Toda a gente sabe em Berlim que Wanda Wando é um homem. Só esse português o ignorava, porque estava obcecioneado; porque nele a conquista das mulheres é um capricho que o cega e o embriaga, como a cocaína ou o opio. Wanda Wando, ao receber os presentes que ele lhe mandava, guardava-os e vendia-os ou oferecia-os ás suas amantes, e fazia muito bem.

E pousando a sua mão papuda de antigo tarimbeiro sobre o meu ombro, rematou:

—Deixe lá, meu amigo. Foi uma boa lição—uma lição identica á daquele menino mimado que tudo queria, que tudo exigia—até que uma noite lhe apeteceu a lua que se espelhava nas aguas dum poço.

REINALDO FERREIRA

P. S.—Acabava de escrever esta recordação de uma aventura de ha muitos meses, quando alguém me informa que Zéca, absolvido pelos tribunais alemães, regressou ao Porto e casou, na semana passada, com a sua prima. Desta vez, creio, não sofreu o pobre estudante cruel surpresa com que o destino o castigou, ao enamorar-se de Wanda Wando. Lili, se as minhas pupilas não me enganam, é uma bela moça, *inconfundivelmente do sexo feminino*.

R. F.

(Proibida a reprodução)

VINDES A LISBOA? HOSPEDAL-VOS NO
Lisboa Pension Hotel

CALÇADA DA GLORIA, 17

A' Avenida da Liberdade

Justo ao Saizão Foz. Predio todo Telefone N. 3499

LISBOA

Instalações de 1.ª ordem—Cosinha á portugueza e franceza

As mulheres e as flores

As mulheres e as flores são dois eternos termos de comparação. A graça e a fragilidade das flores logo evocam a graça e a fragilidade das mulheres... Nenhum poeta, em tempo algum, olhou uma flor sem pensar numa mulher... São as mulheres que não podem viver sem as flores, ou são as flores que não podem viver sem as mulheres? Não se sabe ao certo, mas ninguém ignora que, em todos os tempos, as mulheres tiveram o culto das flores. A Fabula e a História falam-nos de jardins criados em homenagem á mulher. O paraíso de Eva era um jardim... O jardim das Hespérides—de que fala a mitologia grega—pertencia a três mulheres, as três filhas de Atlas: Hesperis, Eriteis e Eglé... A mitologia germânica dos Nibelungen fala do Jardim das Rosas, onde a bela Criemhild esperava o cavaleiro digno dos seus beijos e da sua coroa de princesa. As lendas cristãs estão entrecidas de flores: Foi nuns jardins encantados que Armida (a heroína da «Jerusalem Libertada», de Tasso) reteve o belo Renaud, sem o deixar ir reunir-se ao exercito dos Cruzados... Foi em rosas que Santa Isabel, rainha de Portugal, transformou o pão dos pobrezinhos...

quinta de Malmaison, tôdas as variedades de rosas que se conheciam em França, Inglaterra, Bélgica e Holanda. Por meio de cruzamentos, Josefina obteve espécies novas, que la baptizando e que, ainda hoje, conservam os nomes escolhidos pela sua graciosa madrinha. A actual soberana da Holanda é conhecida como uma apaixonada amiga das flores. Como todos os holandeses, adora as tulipas, mas tambem tem grande predilecção pelos amores perfetos, possuindo estufas especiais, onde os cultiva com o maior zelo.

A' História da Arte anda tambem ligada a idéa das mulheres e das flores. Quem não conhece qualquer reprodução do célebre quadro de Rafael, que se encontra no Louvre, e é conhecido pelo nome de «A bela Jardineira»? Deve esse nome ao facto de representar a Virgem num prado esmaltado de flores, ou ao de Rafael ter escolhido para seu modêlo uma jardineira florentina, célebre pela sua beleza? E' problema muito discutido e de difficil solução.

Tambem não é menos conhecido o quadro «Jardim dos Amores», de Rubens, que se pode admirar no Museu do Prado, e onde se vê



Greta Müssen, bela atriz de cinema, aspirando o perfume dum ramo de rosas. No sorriso, ha toda a ternura que, ha seculos, prende entre si as mulheres e as flores.

Quem desconhece a tradição dos maravilhosos Jardins suspensos de Babilónia, que estão incluídos entre uma das sete maravilhas do mundo, na Antiguidade? Diz-se que foram mandados fazer por Semiramis, rainha da Assíria, que nêles descaçava das suas conquistas amorosas. Preenchiam uma área de 123 metros quadrados e elevavam-se, em anfiteatro, numa serie de terraços ou plataformas sustentadas por colunas de mármore, com mais de vinte metros de altura. Para os jardins suspensos subia a água do Eufrates, por meio de engenhosos aparelhos hydraulicos.

E os jardins de Daphne, com os seus loureiros róseos, ciprestes, plátanos e alcôas, as suas fontes de inebriante murmúrio, as suas cascatas abundantes, nessa pequena aldeia, próximo de Antioquia, que fóra o lugar duma peregrinação em honra de Apolo, e acabou por ser um centro de prazeres bucólicos e amorosos?

A' memória de algumas rainhas ou princesas anda ligada a lembrança de que foram entusiastas amigas das flores. Sabe-se, por exemplo, que a rainha Ultragotha, casada com Childberto, rei dos francos, cultivou carinhosamente as roseiras, na sua propriedade de Saint-Germain des Prés. Sabe-se que uma princesa de Mónaco—que foi «a ultima dos Condé», no dizer do marquês de Segur—criou, com a colaboração do pintor Hubert Robert, os célebres jardins de Betz. Sabe-se que Maria Antonieta gastou rios de dinheiro nos famosos jardins do seu Petit Trianon, onde ella procria e as suas damas preferidas se entregavam aos prazeres da jardinagem. Sabe-se que a imperatriz Josefina, a primeira mulher de Napoleão, encontrou a maior consolação dos seus desgostos no cultivo das flores, reunindo, na sua

um grupo de mancebos e de juvenis damas no cenário dum jardim deslumbrante.

A época presente, materializando tôdas as concepções, tirou o seu partido das afinidades e simpatias entre as mulheres e as crianças, criando o ensino agricola feminino. E' a uma mulher Mme. Felicia Hervieu, de Sedan, que se deve a idéa da primeira realisação dos jardins de mulheres. E' a uma mulher, Mlle. Lataphy, que se deve a fundação da «União para o Ensino agricola e horticola feminino», cujo objectivo é inspirar ás raparigas o amor pela terra e prepará-las para executarem mil trabalhos delicados de floricultura que os leves dedos femininos estão aptos a realizar com mais destreza. No estrangeiro, há muitas escolas de jardineiras, principalmente em Inglaterra, Canadá, Bélgica, Suécia e Noruega. Em França, já teem sido admitidas jardineiras em jardins do Estado, como o Luxemburgo e o das Plantas.

E assim vamos assistindo ao curioso espectáculo de serem as mulheres quem procura fazer com que alinhem a maxima beleza as flores cujo melhor destino é homenagear a beleza das mulheres...

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 142 PROBLEMA

P. r. J. Mises

Pretas (4)



Branca (4)

Mate em 2 lances

Solução do problema n.º 141:

[Fall wal

1 B e 5-d 4

CAMPEONATO DO MUNDO: O resultado das tres primeiras partidas do «match» Capablanca-Alkhine, foi o seguinte: 1.ª Alkhine com as pretas DEFESA FRANCESA; Alkhine ganhou em 41 lances.

2.ª Abertura do PEÃO DE DAMA; empatada em 19 lances.

3.ª Abertura do PEÃO DE DAMA; Capablanca ganhou em quarenta e alguns lances.

O «match» é ao principio que ganhe 6 partidas, não se contando os empates; a clausula seguinte, porém, restringe um pouco as probabilidades de Alkhine: se em qualquer momento o «score» for de 5 a 5 é considerado nulo e Capablanca mantém o título.

DAMAS

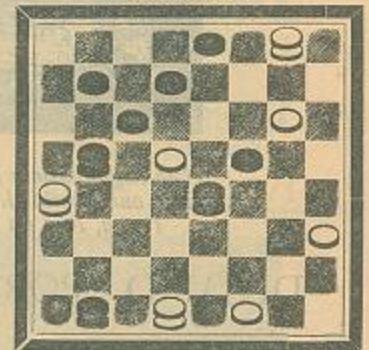
Solução do problema n.º 135

	Branca	Pretas
1	10-5	17-7-16
2	9-14	18-9
3	2-13-31	10-10
4	23-26	30-23
5	21-25	29-22
6	31-17-3-12-9-30	

Ganha

PROBLEMA N.º 136

Pretas 3 D e 5 p



Branca 3 D e 4 p.

As Brancas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 135 os srs. Armando Machado (Ilhavo), Carlos Gomes (Bemfica), H. Braga (Setubal) e José Brandão (Infantas).

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Dirige a secção o sr. Artur Ferreira dos Santos.

MOVEIS

GRANDE SORTIMEETO de mobilias de quarto, cassas de jantar, escritorios, salas em diferentes estilos e madeiras. DECORAÇÕES. Sortido de tapetes, carpetes, oleados, cortinados, etc. MOVEIS DESIRMAN DOS; toilettes, guarda-vestidos, camas, mesas de cabeceira, etc. **Preços sem competencia** ARMAZEM BARROCA—31, Rua da Atalaia, 35—Telefone: Trindade 1095

Material Radioelectrico

GRAMOPHONES

DISCOS «EDISON BELL»

para Jazz-Band

RADIO-LISBOA, L. DA

Rua Serpa Pinto, 7—LISBOA

actualidades graficas

EVOCAÇÃO DAS GLORIAS IMPERIAIS



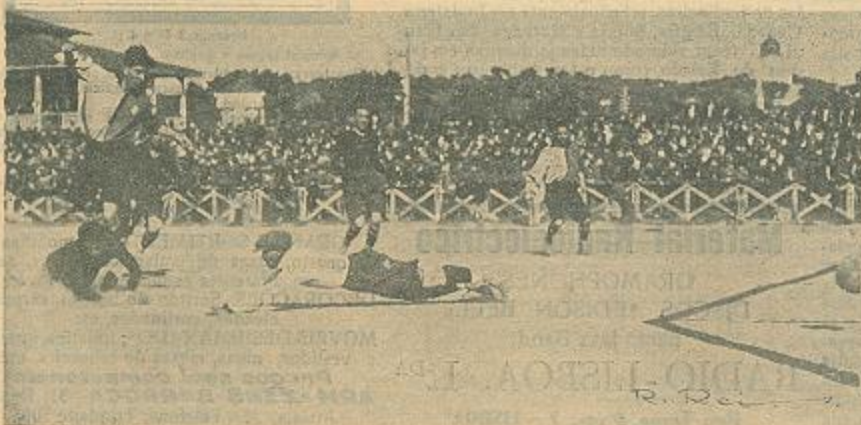
Em honra da Legião americana fez se em Paris uma festa historica onde, com o maior rigor, se reconstituíram varias fases da epopêa napoleonica. Napoleão condecorando uns soldados.—(Photo Meurisse).

OURIVESARIA PORTUGUESA



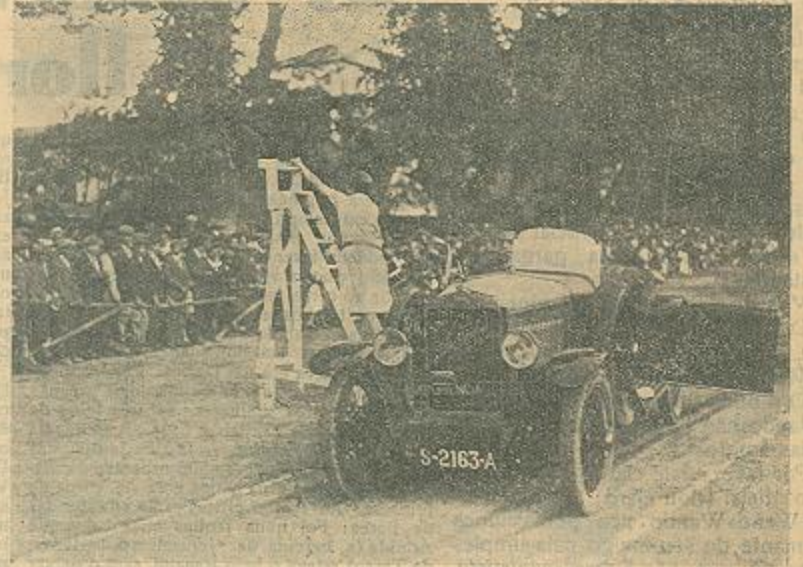
Uma elegantissima peça da acreditada ourivesaria J. M. & Pedro Fraga, Rua da Palma, 82.

DESAFIO SPORTING-CARCAVELINHOS



O momento emocionante dum «goal» do Sporting

AS FESTAS DE SINTRA



Aspecto da «symk.nas» de Seteais.

AS FESTAS DE SINTRA



Aspecto das decorações no largo

BELENENSES-BEMFICA



Um formidavel encaixe de Assis

PUBLICIDADE

Sabão Simão

(Sabão crême (desengordurante))

Não tem rival—Útil em todas as casas

Excelente para limpeza de marmores, esmaltes, alumínio, metais, vidros, etc.
O melhor desengordurante para limpeza de mãos.—Útil em todas as oficinas e garagens.



TELEFONE C. 641
Casa Palissy Galvani
Guilherme F. Simões
LIMITADA

COLOCAÇÕES
E reparações de campainhas electricas, telefonos e pira-raios
Preços sem competencia
Descontos aos revendedores
13. RUA SERPA PINTO, 15 — LISBOA

COLEGIO VASCO DA GAMA

Travessa das Freiras (a Arroios), 2—(Lisboa-Norte)

Telef. N. 2145 End. telegrafico: COLEGIO-LISBOA

Recomendado pela Delegação de Saude—Diplomas de Honra do Ministerio da Instrução Publica—O primeiro estabelecimento particular de educação e ensino do País

INTERNATO—SEMI-INTERNATO—EXTERNATO. Classe infantil, instrução primaria, Curso Completo (Ciencias e Letras), Curso Commercial, Curso de Agricultura louvado e reconhecido de Utilidade Publica pelo Governo. Educação Moral, Intellectual, Artistica e Letra com todos os desportos. Convidam-se as reuniões de educação a visitar as instalações do Colegio, para directamente examinares as suas condições e agirem em conformidade dos vantagens pedagogicas, hygienicas e disciplinares, ministradas aos alunos.

12 anos de brilhantes resultados literarios e educativos

OS DIRECTORES
Padre Antonio Manuel da Silva Pinto Abreu
Dr. Luis Gonzaga da Silva Fieto Abreu
Dr. Alberto Carneiro de Mesquita

AUTOMOBILISTA



160, Rua Alves Correia, 160

LIMITADA

LISBOA

Sempre o maior sortimento de accessorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico: AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

Instituto «DELTA» Edificio do Ateneu Commercial de Lisboa
RUA EUGENIO DOS SANTOS

Director: — ANTONIO TEIXEIRA FERREIRA

Está aberta a inscrição de alunos de ambos os sexos para o curso completo dos liceus e curso de Educação Física (Gimnastica methodo Ling, Esgrima, Natação, Water-Pol e qual-quer outro genero de Sport) orientado tecnicamente pelo capitão tenente Peres Murinelo.

Este INSTITUTO dá a maxima garantia aos pais, levando todos os anos os seus alunos a exame, classe por classe, a qualquer liceu do país e restituindo a anuidade, incluindo o dinheiro da propina, caso o aluno fique reprovado.

Só se recebem alunos externos e para mais esclarecimentos dirigir-se pessoalmente ou por carta ao Director do Instituto.

HOTEL LUSO-ITALIANO PAREDE

(LINHA DE CASCAIS)

ABERTO TODO O ANO
SERVIÇO DE RESTAURANT—CHAS
Constantino Molle

Sousa, Lopes & C.ª L.ª da

OPERAÇÕES BANCARIAS

Correspondentes dos principais Bancos e casas bancarias do País.
Exportação de Frutas, para todos os mercados da Europa e Brasil.
Cereais, Legumes e Palhas.

ENDERECO TELEGRAFICO: — «ZALOPES»

VILA FRANCA DE XIRA

GRANDE RESTAURANT
«CABARET D'ALGES»

(As Portas d'Algés)

DE
Fernandes & Fernandes, L.ª

Esmerado serviço de cozinha
Serviço Permanente
GABINETES RESERVADOS

V. Ex.ª quer vestir com elegancia e economia?... vista-se na



CAMISARIA — GRAVATAS

SUSPENSORIOS — LIGAS

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Talco «GABRIELA»

Caixa grande, bonita apresentação, Esc. 3880

Pó dentifrico «GABRIELA». Faz desaparecer a carie e o mau hálito. Caixa, Esc. 1850.

Loção «GABRIELA»

Não mais caspa. Frasco, Esc. 950

Pó de arroz «GABRIELA». O unico que na realidade adere.

Descontos a revendedores.

PERFUMARIA ELITE, Largo do Calhariz, 18 (Palácio Azambuja)

NORTE 4991
é o numero do telefone da Loja Infantil aonde está um saldo fim de estação de todas as especialidades desta casa, com 60 e 70% de abatimento
114, ROSSIO, 115 Susano & Pinho, L.ª

Motos INDIAN

MODELOS 1928

A CHEGAR A PRIMEIRA REMESSA

J. J. GONCALVES, Sucessores

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 90—LISBOA

Ser elegante e economico é Eis a questão.

Para isso basta ver tecidos e preços na Casa GOMES, FERNANDES & FERREIRA, L.ª

ALFAIATES-CAMISEIROS

RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 65 A 71

FUNERAES

TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES
PARA TODOS OS CEMITERIOS,
PROVINCIA, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS

URNAS,
ARMAÇÕES,
COROAS, ETC.

SERVICO PERMANENTE

131, R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA:
RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E.

LISBOA

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ASSINATURAS

CONTINENTE E ESPANHA

ANO - 48 ESCUDOS -
SEMPRE - 24 ESC -
SEMESTRE - 12 ESC -

ilustrado

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO - 24 ESC - SEMESTRE - 12 ESC -
ESTRANGEIRO
ANO - 24 ESC - SEMESTRE - 12 ESC -

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GÊNICAS - TEXTOS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



O estrangulador do Caramujo

*Reconstituição
no local.*

Um operario, de bom porte, atraído pela mulher com quem vivia, e a que o prendia uma cega paixão, estrangulou-a na habitação conjugal.